



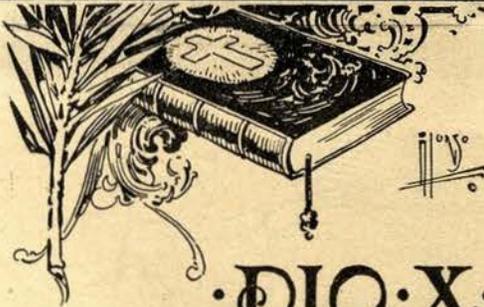
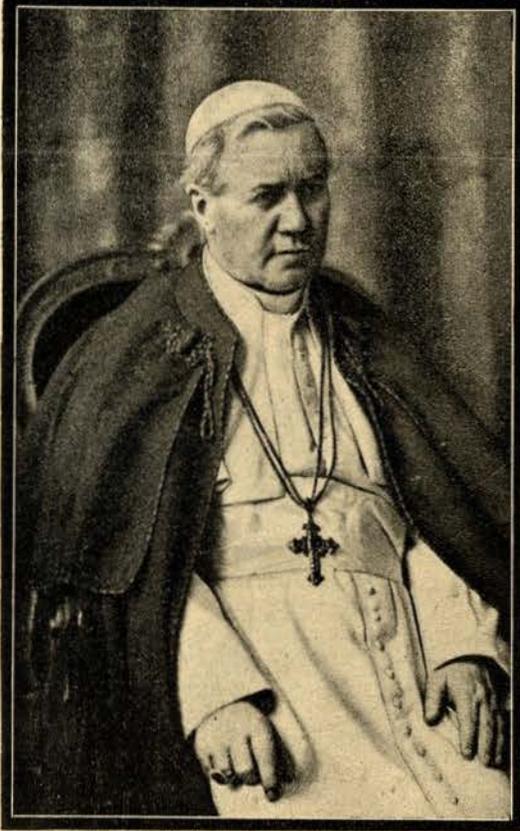
LISBOA, 27 de Agosto de 1914

## A Rainha Senhora Dona Amelia na Cruz Vermelha



A PEQUENITA: — Vês aquella Senhora? Foi Ella que fundou em Portugal o dispensario para os pobres e que está agora na guerra a socorrer os feridos...

## A morte do Pápa Pio X



# PIO X

«O Thalassa» afirmando mais uma vez, n'esta hora de luto para a Igreja Catholica, os seus sentimentos religiosos, curva-se respeitosa-mente perante o tumulo do Santo Padre Pio X.

## Imprensa monarchica

Analysemos serenamente a situação.

Quando se romperam as hostilidades entre as diversas nações da Europa, estabeleceu-se um momento de pânico em Lisboa até certo ponto justificado, porque o cataclysmo que se desenhava, havia fatalmente de affectar os nossos interesses quando não a nossa integridade.

Esse perigo, mais ou menos vago e mais ou menos próximo, todos o previram então, como certamente ninguém deixou ainda de o sentir, embora n'este momento se deva encarar com mais receio o futuro do que propriamente o presente.

Sem abdicar da defeza dos seus principios, porque circumstancia alguma a isso a pode obrigar, a imprensa monarchica, apressou-se a dár treguas á política interna tanto quanto essas treguas são compatíveis com os interesses da Patria e a dignidade profissional e até pessoal, declarando que acima de tudo collocava o seu sentimento patriótico.

Alvitrou-se então um governo nacional que merecesse a confiança de *todas* as correntes d'opinião do Paiz e que assim conseguisse reunir em volta de si as sympathias indispensaveis para a difficil e espinhosa missão do momento. Seria um interregno na política partidaria, em toda a política partidaria, para só se cuidar na política da Nação. Propoz-se isto com o mais absoluto desinteresse pessoal pois como facilmente se comprehende, desde o momento que esse governo representasse *todas as correntes d'opinião*, na sua confecção estava a garantia para *todos*, desde o radical ao conservador, com tanto que *uns e outros* acordassem em só olhar os sagrados interesses da Patria.

Não entenderam assim os republicanos e ainda menos (pudera!) o ministerio do sr. Bernardino Machado que *sem receio de ser immodesto* se apresentou immediatamente como o governo mais opportuno e indispensavel para a situação, situação que elle proprio e por calculada *gagice* (desculpem o termo, mas não ha outro) começou logo desenhando com as mais negras e tetricas côres.

O alvitre cahiu pois á nascença com grande aprazimento do ministerio Bernardino e de mais socios interessados, seguindo-se a famosa convocação do Congresso, onde o sr. presidente do ministerio, de lagrima no olho, pediu que o aclamassem imperador dos borregos nacionaes, e o sr. Antonio José d'Almeida (o do *archote* e o do *cachão*) declarou que muito mais daria, se mais houvesse pedido o chefe do governo. E o homem foi aclamado imperador dos borregos nacionaes, por entre *ultimatuns* de guerra á Alemanha, expedidos pelo sr. Machado Santos e o commovente *chi-chi* nas cuecas evolucionistas e unionistas.

*Tim, pápo*—deve S. Ex.º o mais cordeal dos capoeiras ter dito, quando, virando o posterior ás opposições, deslizou d'automovel n'essa tarde para o conchejo familiar deixando nas velhas Côrtes de S. Bento, mais um attestado do cacilheirismo opposicionista.

Emquanto tudo isto se passava, a imprensa monarchica, limitando-se apenas a registrar os factos, quasi sem os comentar, ajudava a estabelecer a tranquillidade publica, aconselhando a que não corressem aos Bancos, a que não se alarmassem com os trocos, a que não creassem difficuldades com pavores injustificados e sobresaltos contraproducentes. E porque procedia a imprensa monarchica, assim? Porque considerava o governo á altura das circumstancias? Não, por todas as razões e mais uma. E essa uma, vem a ser o não poderem os monarchicos depositar confiança n'um governo de quem os seus pro-

prios correligionarios republicanos, disseram o que disseram, chegando a intimar o sr. Bernardino Machado a deixar o poder sob pena de o obrigarem a sahir por meio da revolução, para o que o sr. Antonio José d'Almeida chegou a *accender o archote afim de incendiar a alma das multidões*, enquanto o sr. Brito Camacho gritava *alea jacta est* e o sr. Machado Santos assumia o *commando da Rotunda*... nãs belicosas parangonas do seu jornal.

Mesmo que nós, monarchicos não tivéssemos razões (e quantas tínhamos!) para não depositar confiança no governo, *bastava o insuspeito testemunho republicano*, bastavam os gritos afflictivos da opposição, desde o Rhodam à Panasqueira, desde a *formiga* ao Leandro, para termos de considerar esse mesmo governo como inaceitavel para occasião tão grave, visto que já o era para a simples administração da politica em occasião normal.

Isto era logico e intuitivo.

Mas *apezar de tudo* limitou-se a imprensa monarchica a apontar estes inconvenientes abstando-se da discussão dos *escandalos internos*... e das *gaffes externas!*

Ainda mais uma vez olhando a Patria acima de todos os interesses partidarios, a imprensa monarchica não quiz por qualquer forma agitar a opinião publica acirrando paixões.

Assim procedeu, *assim procedemos todos*, como consta das collecções dos nossos jornaes e que são a prova inophismavel d'esta nobilissima e patriótica attitude.

Pois bem, a resposta do governo foi a que se tem visto. Da apprehensão, passou à prisão, da prisão á suspensão.

De violencia em violencia, de arbitrariedade em arbitrariedade, já obrigou tres diarios monarchicos a suspender a sua publicação.

Foi esta a sua resposta.

Qual deve ser a nossa?

Como desagrarar os nossos direitos offendidos? Como protestar contra as violencias recebidas? Como, se, desde a Constituição ao Tribunal, tudo está sob o arbitrio d'um homem?

E' ao Paiz que compete dizelo porque nós somos apenas os representantes da opinião da sua maioria. Tem a palavra...

## JORNAES SUSPENSOS

Violentados pelas arbitrariedades do governo, suspende-ram a sua publicação, os nossos collegas *Dia*, *Diario da Manhã*, *Jornal da Noite* e *Papagaio Real*.

Sentindo todas as violencias de que foram victimas, como se a nós fossem dirigidas, apresentamos a estes nossos camaradas o protesto da maior solidariedade d'O Thalassa.

E até breve, ou nós lá ou os collegas cá...

## O sr. Bernardino Machado nunca existiu

Por **CRISPIM**

2.<sup>a</sup> EDIÇÃO

A' venda em todas as livrarias e principaes tabacarias — **100 réis**, — **Deposito:** Administração d'O Thalassa, Rua da Rosa, 162, 4.<sup>o</sup>, D.

## «O PASQUIM»

E' este o título d'um novo semanario monarchico e catholico, dirigido pelo senhor Costa Castilho. O *Pasquim* que se apresenta brilhantemente redigido, insere valiosa collaboração entre a qual se destaca a do nosso prezado amigo e illustre director d'A Nação, sr. Franco Monteiro, e umas preciosas gazetilhas firmadas pelo pseudonimo de *Bernardino Pasquim*, e ainda as *engraçadas blagues* do *Lancho Salvaterra*.

O geral agrado com que o publico recebeu a nova revista semanal, attesta bem o valor d'O *Pasquim*.

Desejamos ao novo e prezado collega, muitas venturas e prosperidades.

## A «O Dia»

A situação especial que o nosso brilhante collega *O Dia*, occupa na imprensa monarchica, situação creada não só pelos relevantes serviços que tem prestado à Causa, como tambem pelo invulgar talento do seu director; e ainda os apertados laços d'amizade que ligam os proprietarios d'O Thalassa, ao grande jornalista sr. Moreira d'Almeida e a seu filho o sr. dr. João Moreira d'Almeida, obrigam-nos a testemunhar-lhes n'este momento mais uma vez quanto sentimos as brutaes aggressões que tem sido dirigidas a *O Dia*, pelos esbirros governamentaes, e bem assim a magoa de nos vèrmos privados da querida camaradagem de tão eminente collega.

Que a ausencia d'O *Dia* do campo da lucta onde justamente occupa o lugar de marechal, ganho honradamente n'um combate de quatro annos, seja muito breve, são os nossos mais sinceros votos.

## DEPRESSA!

Quem quizer viver feliz  
Contando dias ditosos  
Vã já depressa comprar  
No Paiz dos luminosos.

Um volume de 300 paginas, por E. Severim de Azevedo (*Crispim*) — Preço 800 réis — Em todas as livrarias.

## ALVARO PINHEIRO CHAGAS

Encontra-se em Portugal este nosso querido amigo e prezado camarada que desde 1911 estava residindo no estrangeiro como exilado politico.

E' com o mais vivo prazer que vemos de novo entre nós o brilhantissimo jornalista e eminente director do *Correio da Manhã*, a quem apresentamos a expressão da nossa melhor estima e apreço com um grande abraço de boas-vindas.

## Reportagem da guerra



O Imperador da Allemanha com o generalissimo do exercito germanico e o Estado Maior, fazendo estudos de mobilização das forças em campanha.

## ESPERAVA-SE

Parece que Aresta, o *Chorão*, abandonou a politica.

Depois que os amigos de Beja, que lhe serviram de escaða e de quem elle depois fez gente, o excluíram irremediavelmente do recenseamento, recusando-lhe a qualidade de eleitor e a de elegivel, outro caminho lhe não podia traçar a sua *boa vista*.

E, para que insistir em politicar? Anichado, com grossa fatia á meza do orçamento, realizou o seu sonho dourado, que afinal é o de todos os salvadores da Patria... e das batatas.

O CZAR DO SUL

Bernardino Rhodanocacaoff, I, "O Terrível"



Até quando ó Bernardino, abusarás da nossa paciencia . . .

# Correspondencia entre Guilherme II e Nicolau II nas vespuras da guerra

Do «Temps» — Documentos dignos de archivo



## Nicolau II a Guilherme II

29 de julho, às 10 horas da manhã

Folgo em saber que regressaste á Alemanha n'esta grave occasião. Peço-te vivamente para me ajudares. Uma guerra vergonhosa foi declarada a um paiz fraco. A indignação é enorme na Rússia e compartilha-a. Prevejo que em breve não poderei resistir ás pressões que sobre mim se exercem e que serei obrigado a tomar medidas que provocarão a guerra.

Para evitar a desgraça que seria uma guerra europeia, peço-te, em nome da nossa antiga amizade, para fazeres todo o possível a fim de impedir o aliado a ir mais longe.

Nicolau.

## Guilherme II a Nicolau II

29 de julho, às 6 horas e meia da tarde

Recebi o teu telegramma. Partilho do teu desejo de manter a paz. No entanto não posso considerar a guerra austro-hungara como uma guerra vergonhosa, porque a Austria-Hungria sabe por experiencia que as promessas da Servia, quando ellas só existem no papel, de nada valem. Na minha opinião, a acção austro-hungara deve ser considerada como uma tentativa para obter que as promessas servias sejam mantidas. Estou convicto d'esta opinião pelo compromisso do gabinete austro-hungaro de não pensar fazer nenhuma conquista territorial á Servia. Penso que um accordo directo entre o teu governo e Vienna é possível e desejavel; um accordo que, como já te disse, o meu governo appoiaria com todas as forças. Naturalmente as medidas militares poderiam ser consideradas pela Austria-Hungria como uma ameaça e poderiam provocar a desgraça que queremos evitar e tornar impossivel a missão medianeira que assumi com dedicação em vista do teu appello á minha amizade e ao meu auxilio.

Guilherme.

## Nicolau II a Guilherme II

30 de julho, á 1 hora da tarde

Agradeço-te cordealmente a tua prompta resposta. Esta noite envio Tatischet com instruções. As actuaes medidas militares já tinham sido decretadas ha cerca de cinco dias para nos defirmos contra os preparativos austriacos. Desejo de toda o coração que essas medidas não impeçam o teu papel de mediador, com o qual muito conto. Temos necessidade da tua pressão sobre a Austria-Hungria para que ella se entenda conosco.

Nicolau.

## Guilherme II a Nicolau II

30 de julho, á 1 hora da tarde

O meu embaixador foi encarregado de significar ao teu governo os perigos e as graves consequências d'uma mobilisação. Como te dizia hontem no meu ultimo telegramma, a Austria-

A chancellaria allemã publicou um Livro Branco que contem o texto dos telegrammas pessoais trocados entre o Imperador e o Czar, de 28 a 30 de julho.

O *Giornale d'Italia*, teve conhecimento d'esse Livro Branco allemão que, segundo parece, não foi remettido para França. Os documentos dados á publicidade, são os seguintes:

I

## Guilherme II a Nicolau II

28 de julho, ás 10 horas e 45 minutos da noite

Com grande inquietação tive conhecimento da impressão que tem produzido no teu imperio a acção austro-hungara. A agitação sem escrupulo que existe ha annos na Servia determinou o assassinio de Francisco Fernando. Os servios estão ainda dominados pela ideia que os levou ao assassinio do seu Rei e da sua Rainha. Sem a menor duvida, concordarás comigo que nós ambos, como todos os outros soberanos, temos interesse em que os responsaveis d'este horrivel crime sejam punidos.

Por outro lado, compreendo muito bem quanto para ti e para o teu governo é difficil ir contra a opinião publica. Graças á amizade que ha muito tempo me liga estreitamente a Francisco José, dispense a Austria-Hungria toda a minha influencia para que ella se entenda aberta e pacificamente com a Russia. Espero ardentemente que tu auxiliarás os meus esforços para afastar as difficuldades actualmente existentes.

Teu primo dedicado

Guilherme.



Hungria só mobilisa contra a Servia uma parte do seu exercito. Se agora, como é certo, tu mobilisas contra a Austria-Hungria, a missão que me confieste tornou-se difficil ou mesmo impossivel. A difficuldade da decisão a tomar está agora sobre os teus hombros. Tu tens a responsabilidade da guerra ou da paz.

Guilherme.

VI

## Nicolau II a Guilherme II

30 de julho, á noite

Agradeço-te cordealmente pela mediação que fez esperar uma solução pacifica. Francamente é impossivel fazer parar os nossos preparativos militares, tornados necessarios pela mobilisação austriaca. Não desejamos a guerra e enquanto durarem as negociações com a Austria, as minhas tropas não tomarão nenhuma attitude hostil, dou-te solememente a minha palavra. Tenho confiança na graça de Deus, e espero o successo da tua mediação em Vienna para bem dos nossos paizes e da paz europeia. Cordealmente e todo teu dedicado.

Nicolau.

VII

## Guilherme II a Nicolau II

Mesma data, á meia noite

Enquanto a minha mediação, assumida segundo o teu desejo, entre o teu governo e o governo viennense, estava em plena actividade, as tuas tropas foram mobilizadas contra a minha allia da Austria-Hungria, o que tornou a minha acção quasi illusoria. No entanto, continuei a. Agora, recebo noticias seguras sobre os teus preparativos bellicos nas minhas fronteiras. A responsabilidade da segurança do meu imperio obriga-me a tomar medidas defensivas.

Empreguei todos os meus esforços a favor da conservação da paz. Não ficarei com a responsabilidade da desgraça que ameaça o mundo civilizado. N'este momento tens ainda a possibilidade de a conjurar. Ninguém ameaça a honra e a força da Russia, que podia ter esperado o resultado dos meus esforços. A amizade que por ti, pelo teu paiz, jurei no leito de morte de meu avô, tem sido sempre para mim sagrada e mantive-me fiel a Russia nos momentos mais diffices, sobretudo na ultima guerra. Hoje, a paz europeia só por ti pode ser salva, se a Russia se decide a suspender as medidas militares que ameaçam a Alemanha e a Austria-Hungria.

Guilherme.

## Rainha Augusta Victoria

Retratos e postaes—Continuam ainda á venda na administração d'O Thalassa os poucos postaes e retratos que nos restam de Sua Magestade trajando á moda do Minho.

Cada postal, lindamente impresso a 3 cores, 40 réis. Pacotes de 25 postaes, 800 réis. Os retratos custam ainda o mesmo preço de 60 réis.

## O que pensa o sr. Pepino-da Matta sobre a guerra europeia

Revelações ineditas — A attitude da «Entente»  
— Bombardeamento de Berlim  
A esquadra Suissa—Nações que não figuram no mappa



Sendo o sr. Pepino da Matta uma das primeiras cerebroses da republica, estava naturalmente indicada uma entrevista com S.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> n'esta occasião em que o publico deseja avidamente saber a opinião dos grandes politicos mundiaes.

O acaso que favorece sempre os jornalistas fez com que encontrassemos o notavel deputado democratico um instante livre dos seus multiplos affazeres. Approveitando o ensejo abordamo'lo logo.

—Qual é a opinião de V. Ex.<sup>a</sup> sobre a guerra?

O sr. Pepino da Matta reflectiu dois minutos e, olhando-nos fixamente, inquiriu:

—E' uma entrevista?

—Se o consente...

—Com uma condição. Tem que declarar no seu jornal que me deixei entrevistar, mas incognitamente, dizendo que fui eu mesmo que assim o declarei. Desejo que isto fique bem expresso e sob a responsabilidade do meu nome, pois estou prompto a assignar esta declaração anonyma.

—Fique V. Ex.<sup>a</sup> descansado que tudo irá conforme os seus desejos. Que lhe parece então este medonho conflicto que está avassalando a Europa?

—Eu lho digo. Avassalando, não é tanto assim porque a França tem obtido victorias e n'esta nação não ha vassalos. São todos cidadãos. Ora portanto deveremos antes dizer acidalando...

—Muito bem deduzido. V. Ex.<sup>a</sup> provavelmente é pacifista, não é verdade?

—Hereditario e consecutivo.

—Como?

—Sim, senhor, porque já os meus antepassados o eram como tambem o são os meus descendentes.

—Reprova portanto a guerra.

—Pelo contrario. Aprovo-a e com enthusiasmo.

—Mas, não nos disse que era pacifista?

—Justamente por isso. Sem haver guerra não pode haver paz, porque esta é uma consequencia d'aquella. Logo não havendo a primeira, não se pode dar a segunda.

—E que lhe parece a marcha dos exercitos beligerentes?

—Menos má, embora se note em todos elles, a falta d'um homem... d'um homem superior... d'um homem, como direi?

—D'um homem como V. Ex.<sup>a</sup>

O sr. Pepino da Matta, sorriu modesto e continuou:

—Eu já estou um pouco cansado. Se fosse aqui ha dez annos atraz, quando estava em toda a minha pojadura...

—Em toda a sua pujança é que V. Ex.<sup>a</sup> quer dizer...

—Pujança ou pojadura são tudo derivados do mesmo verbo espojar, e por isso tanto faz.

—E sobre os resultados do conflicto. Confia na victoria da Entente, não é verdade?

—Eu lhe digo. Sobre isso tenho as minhas duvidas, porque já me vae parecendo historia o seu silencio.

—O seu silencio?!

—Sim, meu amigo. Ao principio ainda disse comigo: bem, provavelmente só entra na lucta quando a Russia entrar. Mas a Russia mobilisou e ella nada. Calculei então que aguardasse o rompimento das hostilidades por parte da França e da Inglaterra. Mas a França e a Inglaterra começaram a dar batalhas e ella moita...

—Mas ella, quem?

—Ora essa! A Entente! Todos os jornaes a fallarem sempre n'essa nação, fazendo-lhe grandes elogios, agourando-lhe uma brilhante victoria, e afinal ella sem dar cõr de si. Veja lá o meu amigo se já viu algum telegramma noticiando um combate, por exemplo, entre o exercito allemão e o exercito ententino, ou entre a esquadra ingleza e a esquadra ententina.

—Mas...

—Não, lá isso tenham paciencia, mas não tenho achado bonito. Bem sei que todos estão ao lado da Entente mas eu, embora respeite muito o seu povo (porque como bom democrata, respeito todos os povos) não acho que se tenha portado bem, mettendo os outros á bulha e depois não apparecendo na dança nem com o seu exercito, nem com a sua marinha. Pouca lealdade, muito pouca lealdade...

—V. Ex.<sup>a</sup> está um tanto confuso sobre esse ponto...

—Pois sim, chama-lhe nomes! Eu bem sei que os senhores jornalistas não gostam de ouvir todas as verdades, mas tenham paciencia. Isto porem não quer dizer que tenha duvidas sobre a victoria. A marcha dos exercitos indica já seguramente o que vae acontecer.

—Parece-lhe então...?

—Não tenho mesmo qualquer duvida. A esquadra ingleza um dia d'estes, quando menos se esperar, sae de Londres muito surrateiramente e zai! vae bombardear Berlim. O meu amigo calcula como tudo aquillo fica logo! E' claro que os allemães começam a fugir para o sul, com a esperanza de ahi reunirem forças para tentarem ainda alguma coisa, mas nada conseguirão porque lá está de caldeiras acesas e prompta á primeira voz a esquadra Suissa, que acabará com o resto. E' inevitavel!

—No entanto...

—Já sei o que me vae dizer; que os allemães tambem teem navios. Mas para esses chega a esquadra japoneza, que como sabe está feita com a Inglaterra.

—O peor é que para chegar do Japão ao campo das operações na Europa...

—Lérias! Fica mesmo defronte d'Allemanha. Olhe, quer vér aqui no mappa-mundo? E' um instante... E a proposito. Quero pedir-lhe um favor.

—Com o maior prazer.

—Por mais que tenha procurado aqui no mappa onde fica a Triplice e a Entente, não sou capaz de encontrar qualquer d'estes paizes. Calculo que seja da minha vista já estar cansada. São cá da parte de baixo, ou lá de cima?

—São... São do outro lado!

E dando por finda a entrevista, despedimo-nos deixando o sr. Pepino da Matta debruçado sobre o mappa a repetir desconsolado:

—Ora esta! E não sou capaz de dar ao menos com uma d'ellas...

### Usem a Agua do Mouchão da Povoia

No tratamento das doencas de pelle.

## Theatros

**APOLLO** — Quem quizer passar alegremente a noite não tem melhor espectaculo do que *A Casa de Suzana* que se representa no Apollo. O incomparavel *vaudeville* é o mais completo successo de gargalhada dos ultimos tempos. Repete-se todas as noites.

**COLYSEE DOS RECREIOS** — Não ha meio de notar um fraquejamento artistico na celebre companhia Caramba. As operas succedem-se sem interrupção cantando-se todas as noites as mais famosas composições do mundo musical, e sempre com uma impeccabilidade de interpretação, com um cunho de arte que são verdadeiramente extraordinarios.

Hoje em recita dedicada a Maria Stellina uma das figuras mais insinuantes da companhia, canta se uma das peças mais applaudidas do inextinguivel repertorio, alem de muitas surpresas cuja apresentação vae constituir um acontecimento artistico digno da Companhia e da notavel cantora homenageada.

## Animatographos

Os melhores e melhor frequentados:

Terrasse — Rua Antonio Maria Cardoso — Olympia — Rua dos Condes — Salão da Trindade — Rua da Trindade — Central — Praça dos Restauradores.

## A CARIDADE



Como o «JASUITISMO» se manifesta na guerra...